

# ANPEGE – O RESGATE DE UMA HISTÓRIA

*Lucia Helena de Oliveira Gerardi\**

## RESUMO

No momento em que a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia – Anpege completa dez anos, para se avaliar seu papel na Geografia brasileira é preciso recuar no tempo, resgatar sua história e a da própria pós-graduação, como pretende este texto, baseado em alguns dados e em muita memória. Na verdade, a história desses dois elementos se funde pois, sem dúvida, os questionamentos e reflexões sobre estes cursos é que culminaram na criação da associação, ou seja, não era apenas uma vontade e sim uma necessidade criar um órgão que representasse, defendesse e orientasse os programas em Geografia. No início, os cursos de mestrado e doutorado oferecidos pelas instituições eram poucos, mas, mesmo com o crescimento da oferta, percebe-se que há uma desigualdade muito grande com relação ao número de pós-graduações entre as regiões do Brasil e esta questão, infelizmente, não faz parte do passado, como se pode comprovar pelos gráficos e figuras apresentados neste artigo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Anpege, memória, pós-graduação, desigualdade.

---

## ABSTRACT

At the tenth anniversary of ANPEGE's (National Association for Graduate Programs and Research in Geography) creation, in order to evaluate its role for Geography in Brazil it is necessary to go back in time, to bring its history back as well as the history of the graduate

---

\* Programa de pós-graduação em Geografia da Unesp-Rio Claro, e-mail: [lucia@rc.unesp.br](mailto:lucia@rc.unesp.br)

program, which is the aim of this study, based on some data and substantial memory. Actually, the history of those two elements is undoubtedly merged, because it is from the questioning and reflections about those two courses that the association was created, that is, it was not merely a matter of will but also of a need to create a body which would represent, defend and guide programs for Geography. At first, the master and Ph.D. courses offered were only a few; however, even with the growing demand, there is an uneven number of graduate programs between the different regions of Brazil. Unfortunately, such an issue is still present, and can be confirmed by the diagrams and figures presented along this article.

**KEY WORDS:** ANPEGE, memory, graduate courses, unevenness.

---

A pós-graduação brasileira começou a se constituir de maneira espontânea, na década de 1960, de modo que, ao final da década, sua institucionalização e a configuração de um sistema nacional de pós-graduação partiram de bases já estabelecidas, moldadas mais sobre o modelo americano de cursos que sobre o modelo europeu.

Não se pode negar que a cultura da qualificação e titulação somente começou a ser buscada com maior intensidade a partir das décadas de 1970 e 1980, quando da organização e funcionamento, ainda em pouquíssimo número, dos cursos de mestrado e doutorado.

Particularizando a Geografia, a história se repete com algum retardo. Até o início da década de 1980 eram cinco os cursos de pós-graduação, dos quais somente dois com doutorado. Este número cresceu pouco durante a década, chegando ao final com mais um doutorado e mais quatro mestrados.

O primeiro quinquênio da década de 1990 praticamente manteve os números do período anterior, porém, no período 1996-2000 foram recomendados mais mestrados que o número existente até então e o período 2001-2003 duplicou o número de doutorados. Os três primeiros anos da atual década mantém o ritmo de criação de novos cursos, acrescentando seis mestrados e seis doutorados ao contingente já existente (figura 1). Hoje, a pós-graduação em Geografia no Brasil é representada por 27 programas, dos quais 12 têm curso de doutorado.



Figura 1: Evolução da criação de cursos de mestrado e doutorado em geografia.

Se, quantitativamente, têm-se conseguido, ano após ano, superar marcas e dinamizar a área de Geografia, quando a própria distribuição geográfica é considerada ainda se constata grande desigualdade. A ausência total, tanto de mestrado quanto de doutorado, na região Norte, é a face mais perversa desta desigualdade.

O exame dos dados relativos ao doutorado chama ainda mais a atenção, uma vez que aparece com mais vigor a concentração dos cursos no Sul e Sudeste.

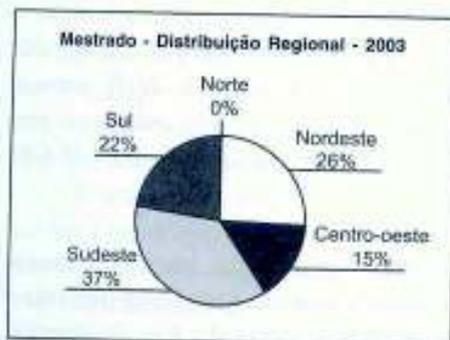


Figura 2: Distribuição regional dos cursos de mestrado - 2003.

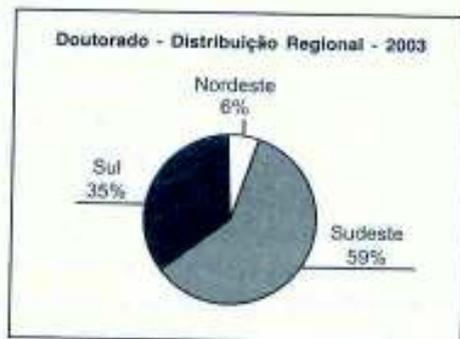


Figura 3: Distribuição regional dos cursos de doutorado - 2003.

Relatada, de maneira rápida, a evolução da pós-graduação em Geografia no Brasil, pode contextualizar a fundação e desenvolvimento da Anpege.

Pode-se dizer, com certeza, que a história da Anpege começa muito antes de sua fundação oficial. Em dezembro de 1984, o Departamento e o Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo e a Associação dos Geógrafos Brasileiros promovem o *I Encontro Nacional de Pós-graduação em Geografia*, cujo documento de propostas menciona a importância que poderia ter

*...a Associação de Pós-graduação e Pesquisa, recentemente criada (sic), que poderá desempenhar papel semelhante ao que vem sendo desenvolvido, com sucesso, por associações de igual tipo e finalidade, na área de Sociologia e de Economia. [O mesmo documento, propõe:] (...) que se prestigie e fortaleça a Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia, como órgão de coordenação e de intercâmbio entre os centros de produção de Geografia, à semelhança do que ocorre nas áreas de Sociologia e Economia, com suas associações. (ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 1984, p. 5-6.)*

Porém, os Anais do referido encontro, quando apresentam as propostas debatidas e aprovadas relatam que

*...devido aos sérios problemas que envolveriam a criação de uma Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia ou a vinculação de uma Secretaria de Pós-graduação em qualquer entidade (tipo AGB), sugere-se que a AGB e outras entidades ligadas à Geografia encaminhem até o II Encontro Nacional de Pós-graduação em Geografia esta questão e marquem para o referido Encontro ou no próximo da AGB, previsto para julho de 1986, em Campo Grande - MS, a decisão sobre este problema. (I ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 1984, p. 433.)*

Assim, a criação de uma associação de pós-graduação, naquele momento da história, com cinco programas existentes, é considerada um problema e adiada por dois anos. Em 1986, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, realiza-se o *II Encontro Nacional de Pós-graduação em Geografia*, tratando da

questão curricular, da questão pedagógica e da questão institucional.

Apesar da aprovação, no encontro anterior, da proposta de se discutir a fundação de uma associação, esta não aparece representada no encontro do Rio e o tema da organização associativa dos programas não consta da pauta das discussões. Neste momento, os programas já eram sete.

A terceira versão do encontro realiza-se em Rio Claro, em 1987. Também neste momento está ausente qualquer menção a uma associação de programas de pós-graduação em Geografia. Porém, ainda neste ano, em abril, realizava-se, em Águas de São Pedro, interior de São Paulo, o *I Encontro de Geógrafos da América Latina*. Neste encontro, as mesas redondas foram desenvolvidas em torno de três grandes temas: teoria e pesquisa em Geografia, ensino de graduação e pós-graduação em Geografia e atuação do geógrafo como profissional.

Não constava da pauta oficial a discussão de uma possível associação. Entretanto, em um dos intervalos do evento, os coordenadores de pós-graduação (sete), além de algumas outras pessoas, foram convidados a participar de uma reunião na qual o Professor José Alexandre Felizola Diniz, da Universidade de Sergipe, então representante da área de Geografia na Capes, trazendo uma minuta de estatuto, propôs a fundação de uma sociedade que congregaria os programas. Por motivos que não vêm ao caso neste trabalho, mas que retomam, em parte, aqueles apontados em 1984, a proposta não teve respaldo e, depois de mais de quinze anos de funcionamento de cursos de mestrado e doutorado em Geografia, estes continuaram sem articulação e sem representação política.

Depois de um lapso de cinco anos, em 1993, realiza-se o *V Encontro Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia*, em Florianópolis. Neste encontro, finalmente, após mais de uma vintena da instituição da pós-graduação em Geografia no país, funda-se a tão esperada associação. Nasce a Anpege em clima de festa, sustentada por nove programas.

A assembléia fundacional aclama a primeira diretoria da Anpege, fazendo uma homenagem à Universidade de São Paulo, pioneira na pós-graduação em Geografia e ao Professor Milton Santos, eleito primeiro presidente. Com ele, participaram da primeira diretoria as professoras Maria Adélia A. de Souza (secretária) e Amália Inês G. Lemos (tesoureira).

A partir de então, até pelo prestígio pessoal do Professor Milton, a Anpege

começa a ganhar visibilidade e os programas começam a sentir a formação da corrente que os ligaria cada vez mais.

Pode não ser apenas coincidência o grande salto quantitativo na criação de novos cursos a partir de então, como se observa na figura 1. O primeiro biênio da nova associação esteve vinculado à sua estruturação e formalização e, ao final de 1995, realiza-se o *I Encontro Nacional da Anpege*, em Aracaju, organizado pelo programa de pós-graduação em Geografia da UFSE.

Encerrado o mandato da primeira diretoria, vinculada à USP, tomam posse, respectivamente como presidente, secretário e tesoureiro os professores Bertha K. Becker, Jorge Xavier da Silva e Cláudio Antonio Egler, da UFRJ. Continua a preocupação com a consolidação da Anpege, dificultada por entraves burocráticos e de comunicação com os programas.

Em que pesem as dificuldades, a Anpege começa a ser considerada como representante legítima da pós-graduação em Geografia, tendo, inclusive sido ressaltado seu papel e importância no Documento de Área – avaliação 1996/1997 – da Capes, nos seguintes termos:

Considerando que foi fundada, e funciona desde 1993, a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia - ANPEGE -, que congrega todos os Programas de Geografia do país, é importante que a CAPES passe a considerá-la como uma instância de consulta e interlocução nos assuntos relativos à pós-graduação e que apóie a ANPEGE nas iniciativas de congregação dos Programas para discussão dos problemas da área e propostas de políticas ou diretrizes gerais (CAPES, 1997, p. 1).

Neste mesmo documento, recomenda-se que “os programas deveriam avaliar, através da (...) Anpege a oportunidade da instituição de uma revista nacional que expressasse a produção científica da área...” (CAPES, 1997, p. 1). Estas preocupações e recomendações marcam, de maneira indelével, o início da relação Anpege – Comissão de avaliação da Capes, que viria frutificar mais tarde.

O final do mandato da segunda diretoria acontece durante o *II Encontro Nacional*, em setembro de 1997, no Rio de Janeiro, quando são eleitos os professores Lucia Helena de Oliveira Gerardi (presidente), Odeibler Santo Guidugli (tesoureiro) e Sylvio Carlos Bandeira de Melo e Silva (secretário), vinculados ao programa da Unesp, *campus* de Rio Claro. Este último foi logo

em seguida substituído pela professora Iandara Alves Mendes.

Por problemas burocráticos, envolvendo a transferência da sede do Rio de Janeiro para Rio Claro, esta diretoria somente pode atuar efetivamente a partir do início de 1999. Assim, ao invés de programar um grande encontro científico, realizou, em maio e em novembro de 1999, reuniões de trabalho com coordenadores e delegados dos programas, o representante de área e membros da comissão de avaliação de cursos da Capes, tanto para discutir a pós-graduação, quanto a própria associação.

Na reunião de maio, foi amplamente discutido o processo de avaliação dos programas levado a efeito pela Capes, tendo-se constituído comissão que deveria organizar o conteúdo das discussões e propostas "...quanto aos critérios e políticas de avaliação (...) emanadas deste fórum com o objetivo de contribuir para o aperfeiçoamento do processo de avaliação..." (CARLOS, 1999, p. 1).

O documento resultante, feito pela comissão com o concurso das sugestões enviadas pelos programas, foi encaminhado à representação de área na Capes, servindo como base para a tomada de decisões relativas ao processo de avaliação 1998/2000, que ocorreria no início do ano seguinte.

A Anpege, além de ser ouvida pela comissão de avaliação, teve a oportunidade de propor a composição daquele comitê, com total aquiescência do representante e da Capes. Estando por vencer o mandato do representante, a Anpege coordenou uma consulta prévia aos programas, que determinou seu voto junto à Capes (pela primeira vez a Anpege foi consultada) e orientou o voto da maior parte dos programas, resultando em que, qualquer que fosse o representante indicado, teria compromisso de atuar em consonância com os programas e com a Anpege.

A partir de então, tanto a escolha de representante de área e membros da comissão de avaliação como o estabelecimento de critérios de avaliação de programas e de periódicos (*Qualis*) têm sido feitas com total transparência, num ambiente de mútua confiança entre programas, sob a mediação da Anpege.

Fato importante para melhorar a organicidade e a atuação da Anpege foi a reforma dos seus estatutos, feita no encontro de novembro de 1999, a partir do qual a sede da associação foi fixada definitivamente na cidade de São Paulo.

A quarta diretoria da Anpege (1999-2002), composta pelos professores Ariovaldo Umbelino de Oliveira (USP – presidente), Eliseu Savério Spósito (Unesp/Presidente Prudente – secretário) e Lylian Coltrinari (USP – tesou-

reira) e a diretoria que termina seu mandato (2002-2003) Professores Gerusa Maria Duarte (UFSC – presidente), Francisco de Assis Mendonça (UFPR – secretário) e Marlene Terezinha de Muno Colesanti (UFU – tesoureira), têm consolidado os princípios estabelecidos até então e atuado em consonância com a representação de área e comissão de avaliação de programas. Basta lembrar o problema ocorrido quando da avaliação 1998/2000, com o rebaixamento das notas dos programas propostos para os níveis 6 e 7 pelo Conselho Técnico Científico da Capes, quando a diretoria 99/2000 se mobilizou no sentido de apoiar as atitudes da comissão, envolvendo os programas na defesa da área de Geografia (infelizmente inglória).

Quando este texto for divulgado, devemos ter realizado mais uma eleição de diretoria da Anpege. Provavelmente estaremos sendo chamados a indicar novos nomes para representação da Geografia na Capes. Com certeza, estaremos preocupados com a avaliação trienal (2000/2003) que acontecerá em 2004. Porém, como está se tornando a regra nestes dez anos de existência da Anpege, não estaremos sós, não desconhecemos as pessoas que nos julgarão nem nos imporão critérios que não tenhamos aprovado.

A Anpege já fez muito pela Geografia brasileira e muito mais pode fazer: uma revista nacional (quicá internacional), um portal de programas de pós-graduação, um cadastro geral de teses e dissertações, um informativo eletrônico de eventos em Geografia e áreas afins, um programa editorial de teses e dissertações premiadas etc. etc. etc.

Porém, certamente o maiores feitos da Anpege foram, são e devem ser os de fazer os programas se enxergarem e conviverem nas suas convergências e divergências e o de fazer com que outras áreas enxerguem a Geografia para que não mais precisemos invejar o papel desempenhado pelas suas associações.

## REFERÊNCIAS

- ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 1., 1984, São Paulo. *Propostas*. São Paulo: Departamento de Geografia USP/Instituto de Geografia USP/Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1984, 12 p.
- ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 1., 1984, São Paulo. *Anais*. São Paulo: Departamento de Geografia USP/Instituto de Geografia USP/ Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1984, 436 p.
- CAPEs. *Documento de Área*. Brasília: Capes, 1997, cópia xerox, 2 p.
- CARLOS, A. F. A. et al. *Relatório da comissão da Anpege-1998*, mimeog., 8 p.